



Agentes já estão trabalhando para combater os focos do mosquito *Aedes aegypti* em todo o Distrito Federal, mas a campanha oficial começa hoje

Secretaria de Saúde usa fumaça para matar mosquito da dengue

DF-saúde
Uma operação de urgência vai tentar diminuir o número de *Aedes aegypti* no Distrito Federal nos próximos 30 dias

Valesca Rivieri
Da equipe do **Correio**

A campanha emergencial vai combater o mosquito em todas as residências de Brasília, mas vai excluir as casas das 80 mil pessoas que moram nas 33 cidades do Entorno. "A responsabilidade do entorno não é do Distrito Federal. Nós não temos recursos para ir para Goiás, Bahia e Minas Gerais", contesta a secretária da Saúde, Maria José Maninha. Segundo ela, o ministério da Saúde repassou para o GDF um milhão e 400 reais destinados a contratar 219 agentes de saúde por seis meses, e 200 mil para a compra de material para a campanha.

"Claro que a campanha não será efetiva. O mosquito não respeita fronteiras. Mas estamos alertando o Ministério da Saúde para que também faça uma campanha", garante. Maninha acredita ser um milagre a epidemia ainda não ter se espalhado pelo DF. Segundo ela, a doença já

chegou a Santo Antônio do Descoberto.

A partir de hoje, setecentos homens das forças armadas, corpo de bombeiros, defesa civil e Secretaria da Saúde vão fazer um rastreamento combatendo os focos e orientando a população. Eles vão estar identificados com crachás, e alguns com camisetas da campanha, com exceção aos militares do exército e aeronáutica que estarão uniformizados.

A borrifada oficial do veneno que combate os ovos e as larvas do mosquito, no entanto, ficou para amanhã, na residência do governador Cristovam Buarque, em Águas Claras. "Com certeza lá tem mosquito", aposta Maninha. "Vamos começar com a casa do governador para sensibilizar as pessoas para que deixem os fiscais entrarem em suas casas." A secretária avisa que não vai haver distinção entre populações de baixa renda e classe média, porque o mosquito também se prolifera em água limpa.

Para isso, as cidades foram divididas em zonas e vão ter de um a dois centros de apoio. Cada voluntário vai visitar 500 casas no período de um mês. Um supervisor acompanha cada grupo de dez agentes para o abastecimento de inseticida. Os voluntários terão livre acesso nos ônibus para chegarem nos locais de trabalho da campanha.

No combate ao *Aedes Aegypti* vão ser utilizados três tipos de inseticidas que não são tóxicos. O abate é um veneno colocado em água potável para matar os ovos e as larvas. O perifocal é utilizado em ambientes com focos mais abrangentes como depósitos de lixo, ferros velhos, borracharias e postos de gasolina. O efeito de combate dos dois tem a duração média de três meses.

Mas para reduzir rapidamente a população dos mosquitos adultos, o governo alugou dez carros que espalharão pelas ruas o fumacê, nome popular do inseticida Ultra Baixo Volume (UBC). Depois de expedito no ar, o fumacê mata os mosquitos em duas horas.

Para Maninha, a mudança de hábito da população é fundamental para controlar o número de mosquitos. "Não adianta nada o governo fazer em 30 dias um esforço super-humano, se as pessoas continuam jogando lixos

nos quintais e mantendo reservatórios de água", acredita.

BALANÇO

Após 45 dias de campanha emergencial, a secretaria de Saúde fará um levantamento da situação do mosquito no Distrito Federal. "Se a quantidade de mosquitos tiver diminuído nós suspenderemos a campanha emergencial e faremos só a preventiva, ou seja, informando a população", avisa Maninha.

No final de março, os 219 agentes de saúde aprovados no concurso da secretaria vão estar nas ruas fazendo uma campanha mais intensiva. O resultado das provas vai ser divulgado no final de semana.

A maior preocupação do governo é evitar uma epidemia que pode atingir 400 mil pessoas. "Nosso sistema de saúde não tem como tratar esse número de doentes", alega. Das 50 notificações feitas neste ano, oito casos confirmaram a doença. Como os contaminados só podem ser identificados se fizerem exames de sangue nos hospitais, a secretária não descarta a possibilidade de haver mais pessoas contaminadas. "Como a doença tem os sintomas semelhantes a muitas outras doenças, talvez existam mais casos", afirma.